

Vladimir Arseniev



❖ Foi sobretudo através da adaptação cinematográfica de Akira Kurosawa que Dersu Uzala se tornou conhecido, mas ele já era uma personagem mítica no campo da antropologia, dos estudos sobre

a Rússia e das regiões longínquas. O livro que o divulgou é pela primeira vez traduzido em Portugal, integrado na coleção de Literatura da Tinta-da-China. O seu peculiar modo de vida é contado pelo explorador Vladimir Arseniev. Publicado em 1923, o livro tem como base os seus diários e a amizade entre ambos que perdurou para lá das circunstâncias do encontro e do convívio (Uzala tornou-se seu guia). Como dizem os tradutores Larissa Shoptropa e João Maria Lourenço no prefácio, Arseniev viu em Uzala "o que os escritores e filósofos russos até então tinham procurado sem sucesso: não é uma personagem inventada ou um homem mítico orgulhoso. É um habitante comum da taiga que havia perdido a sua família, que não possuía quaisquer bens, exceto uma velha espingarda, que não tinha estabelecido quaisquer objetivos na vida e que estava essencialmente focado numa só missão: viver." Retrato de um mundo, do fim do século XIX e início do XX, já então em profunda mudança.

> Vladimir Arseniev
DERSU UZALA

Tradução de Larissa Shoptropa e João Maria Lourenço, Tinta-da-China, 392 pp., 23,90 euros

Pedro Costa



❖ Com a crescente internacionalização (e consagração) de Pedro Costa, são em cada vez maior número as diferentes leituras feitas à sua obra, algumas escritas por grandes vultos do pensamento.

Uma das mais estimulantes é a do filósofo francês Jacques Rancière, cuja atenção ao realizador português é divulgada neste volume. *Pedro Costa - Os Quartos do Cineasta* reúne cinco artigos, várias conversas com Cyril Neyrat sobre diferentes filme e a transcrição de três encontros entre Rancière e Costa. Uma análise minuciosa e surpreendente de uma cinematografia também ela única, com proposta de novos caminhos de interpretação. "O cinema não pode ser o equivalente da carta de amor ou da música dos pobres. Já não pode ser a arte que simplesmente restitui aos humildes a riqueza sensível do seu mundo", sugere Rancière. "É preciso que consinta ser apenas a superfície sobre a qual se traduz, por meio de figuras novas, a experiência daqueles que foram relegados para a margem das circulações económicas e das trajetórias sociais."

> Jacques Rancière

PEDRO COSTA:
OS QUARTOS DO CINEASTA

Tradução de Maria João Madeira, Relógio d'Água, 224 pp., 19,50 euros

Hubert Reeves



❖ Recentemente falecido, Hubert Reeves foi um dos mais conhecidos astrofísicos das últimas décadas e um enorme divulgador científico. Publicou diversos livros, com a

informação mais recente e rigorosa, e encontrou sempre uma forma muito original para mostrar como os mistérios do universo podem ser vivenciados e experimentados no dia a dia. *Eu Vi uma Flor Selvagem* é mais uma dessas obras únicas e admiráveis, desta vez dedicada às flores-do-campo. Algumas rodeavam a sua casa, outras quis conhecer mais de perto. O resultado é um herbário feito de fotografias e de pequenos textos que explicam tudo o que se sabe sobre estas flores e a sua presença na cultura mundial. Páginas para a formação do leitor com um convite no fim: o de entrar em contacto direto com a Natureza.

> Hubert Reeves

EU VI UMA FLOR SELVAGEM

Tradução de Teresa Henriques Coullão e Sara Veiga, Cradivo, 256 pp., 21,50 euros

MEMÓRIAS

Manuel J. Antunes



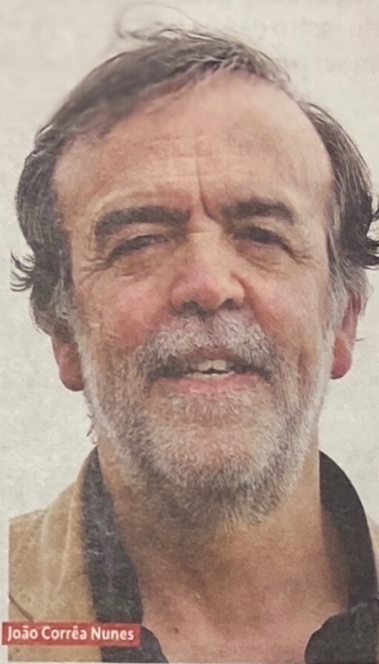
❖ Manuel J. Antunes foi e é (pelo menos) dos mais reputados e ativos cirurgiões cardíacos do país - operou cerca de 35 mil corações, o que é extraordinário!

-, devendo-se-lhe ainda dezenas de transplantações de coração. Mas além disso, e do prestígio nacional e internacional inerentes, também como prof. e diretor de serviço hospitalar da Universidade de Coimbra sempre se distinguiu pela dedicação à sua atividade profissional e aos doentes, sendo um defensor estrénuo do Serviço Nacional de Saúde (SNS), a que prestou grandes serviços, mormente em certa teorização e prática da sua forma de funcionamento. Neste livro, *Uma Vida com o Coração na Mão*, "Reflexões de um cirurgião cardíaco sobre a vocação, a carreira e o SNS", Manuel J. Antunes (n. 1952) dá-nos um misto do essencial do seu percurso biográfico e de memórias, sobretudo da sua atividade como médico e grande cirurgião. Um livro que valeu bem a pena escrever, por insistência, assinala nos agradecimentos iniciais, de Carlos Fiolhais, que assina o posfácio do volume - enquanto o prefácio é de Maria de Belém Roseira, ex-ministra da Saúde.

> Manuel J. Antunes

UMA VIDA COM
O CORAÇÃO NA MÃO

Cradivo, 288 pp., 19,50 euros

João Corrêa Nunes
Painéis de São Vicente

João Corrêa Nunes

❖ Com raízes na Beira, João Corrêa Nunes nasceu em Lisboa e licenciou-se em Direito pela Universidade Clássica. É advogado, hoteleiro e editor, com uma paixão pela escrita. Até então tinha escrito sobretudo obras cingidas a factos históricos, *Embaixadas de Portugal* (2006), *Património Mundial de Origem Portuguesa* (2011), de par com a coletânea de poesia *Caderno de Passeio - Lisboa com as suas casas de várias cores* (2004).

A Nora e os Alcatruzes é a sua estreia no romance. O desaparecimento dos painéis de São Vicente, um mistério nacional que permanece século após século, é o pano de fundo para uma "experiência divertida", como garante ao JL.

Jornal de Letras: O que o levou à ficção e a este primeiro romance?

João Corrêa Nunes: A ficção foi a maneira que arranhei de explicar e contar a minha tese sobre os painéis. Não sou um historiador e, por isso, talvez fosse um pouco pretensioso querer fazer um ensaio sobre o tema. Além disso, para não cair no academismo e na presunção, achei que um romance me daria toda a liberdade para contar a teoria.

E qual é a sua teoria?

Depois da batalha de Alfarrobeira, todos os poderosos são afastados do poder e considerados traidores. Por isso, os retratos que estavam expostos na Sé de Lisboa tinham de sair de lá. Fazem-se novos quadros com os triunfantes de Alfarrobeira. Isso justifica a recusa de um políptico de seis quadros e a defesa de três mais três, sendo que os dois conjuntos nunca estiveram expostos em simultâneo. Quando D. João II chega ao poder e assume como traidores estes

vencedores, este segundo conjunto tem igualmente de sair da Sé.

Por que razão se centrou especificamente no desaparecimento dos painéis na trama deste livro?

Joaquim Caetano, Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, diz que é um direito constitucional de bom português ter a sua própria tese sobre os Painéis. Segui a sua ideia e resolvi contar a minha versão da história através de um crime. O romance histórico é um caminho que sempre gostei e me interessei muito. Desde Umberto Eco que qualquer leitor ou escritor ficou com vontade de repensar e de ensaiar histórias daquele género.

Uma liberdade muito maior no processo criativo...

Num tema em que tem poucas certezas, um historiador tem uma série de portas fechadas onde tem de parar. Mas isso não se passa na ficção. É de facto um prazer imenso chegar a uma porta fechada e conseguir, não só abri-la, mas, sobretudo, inventar o que está para lá dela e colocar as alternativas todas em liberdade. José Luís Peixoto diz que criar é o "e se". "E se ele agora atravessar a rua, e se ele agora fosse culpado, e se...". Esse exercício de liberdade enorme, além de divertido, é a descoberta que todas as pessoas que escrevem ficção têm.

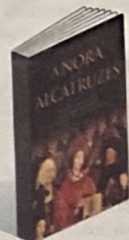
A "nora" e os "alcatruzes". Qual a importância destes dois elementos?

Este título corresponde a uma metáfora da transitoriedade do poder. Assim como os alcatruzes andam para cima e para baixo, também anda o poder em constante transição. A vida destes 6 painéis é um símbolo disso mesmo.

Os romances têm a capacidade de transmitir factos históricos de uma forma mais leve?

Os romances históricos têm o poder de seduzir os leitores para a História. No caso deste livro, o "picante" do crime, completamente inventado, procura justamente prender e interessar os leitores. O único risco destes romances históricos é essa liberdade criativa ser leviana, isto é, afastar-se da realidade e contrariar a história, contando de uma forma errada e descontextualizada o que aconteceu. JL

CONÇALO FRANCO



> João Corrêa Nunes

A NORA E OS ALCATRUZES

Clube do Autor, 416 pp., 18 euros